

9 de Dezembro de 2016

## Clube Militar Naval e Reserva Naval – Fundação da AORN

(Post reformulado a partir de outro já publicado em 6 de Março de 2009)



Ao longo dos anos, frequentei inúmeras vezes o Clube Militar Naval participando em almoços calendarizados entre camaradas Reserva Naval a que se associaram também, em muitas ocasiões, oficiais dos Quadros Permanentes ou outros Convidados.

No conjunto procuraram sempre reviver, nos convívios havidos, a amizade, companheirismo e também camaradagem, fruto das mais-valias adquiridas de anos de convivência em Unidades e Serviços, com especial incidência no tempo da Guerra do Ultramar. Algures, no tempo, ter-se-iam cruzado ou mesmo partilhado missões ao serviço da Marinha de Guerra Portuguesa.

Também na qualidades de Mestres e Alunos sendo que, tanto oficiais dos Quadros Permanentes como da Reserva Naval, desempenharam aquelas prestigiadas missões na Escola Naval num mútuo e significativo enriquecimento cultural.

Em nenhuma situação procurei o Clube Militar Naval a sós porque, estatutariamente, os antigos oficiais da Reserva Naval não tinham direito à frequência das instalações do clube por **"...não terem abraçado a carreira militar naval como profissão..."**.

Para muitos outros constrangedora, também a mim me pareceu sempre impeditiva de uma livre frequência do clube podendo a qualquer momento poder ser invocada a não existência da qualidade de sócio.

Pessoalmente, como 1TEN da Reserva Naval licenciado em 1972, com um percurso de que ainda hoje me orgulho, sempre rejeitei a tão arbitrária quanto possível excepção ao princípio estatutário de que, quando acompanhado ou convidado por um sócio efectivo, poderia frequentar as instalações.

Também nunca me agradou a simples facilidade de acesso, baseada na maior assiduidade com que cada qual poderia frequentar, ou não, as instalações do Clube. Por essa via se abre a porta à permissividade do conhecimento e simpatia, ainda que sem a condição necessária.

Julgo que todos procuram muito mais do que uma mera refeição, que pode ter lugar em qualquer outro local com farta escolha possível, provavelmente até em condições económicas mais vantajosas. Pessoalmente, furto-me normalmente a esse tipo de hábitos adquiridos, procurando sempre o espírito Reserva Naval recreado no ambiente próprio da Marinha que a acolheu e que naquele prestigiado clube sempre encontrei.

Mantida pela Direcção do Clube aquela reserva no tempo, terá sido uma medida redutora da valorização de um relacionamento recíproco que, além de afastar muitos antigos oficiais da Reserva Naval da frequência do Clube Militar Naval, conduziu à fundação de uma associação própria, a AORN – Associação dos Oficiais da Reserva Naval, em 14 de Julho de 1995, na Sala do Risco - Casa da Balança, como exemplo único em todos os Ramos das Forças Armadas.



Ao tempo, afirmaria o primeiro Presidente da Direcção, Dr. António Rodrigues Maximiano:

**...Fomos e somos parte integrante de um Povo e de uma Marinha.  
Como Associação crescemos e queremos ser toda a Reserva Naval.  
Cumriu-se o Mar.  
Que se cumpra a AORN!...“**



Foi primeiro Presidente da Assembleia Geral da AORN, o Prof. Doutor Êrnani Rodrigues Lopes – 7.º CEORN e Presidente do Conselho Fiscal, o Dr. Alípio Pereira Dias – 9.º CEORN.

Em 10 de Maio de 1996, realizou-se no Clube Militar Naval, um convívio de Oficiais da Marinha e Familiares que estiveram em Metangula – Lago Niassa, entre 1968 e 1971. A iniciativa partiu do CAIm Joaquim Espadinha Galo, conjuntamente com o Dr. João Rodeia Peneque – 10.º CFORN e Prof. Dr. Ricardo Migães de Campos – médico naval do 11.º CFORN.

Mais tarde este conceito de convívio foi alargado a outros participantes e ficou agendado, de forma permanente, para a primeira quinta-feira de cada mês, ficando conhecida como a mesa da Reserva Naval – Metangula, almoço convívio que ainda se mantém com os participantes que entenderem comparecer, onde pontifica o espírito aglutinador e sensato do Dr. João Sarmento Coelho (CMG), também ele fundador da Associação e antigo oficial da Reserva Naval do 10.º CFORN.

Há mais de quatro décadas, como tantos outros, quando ingressei na Escola Naval – Marinha de Guerra Portuguesa, fiquei indelevelmente marcado pela primeira sem nunca da segunda esquecer a génese, quer nos valores da hierarquia consentida, alicerçada na competência, quer no exemplo e no espírito de equipa.

Magnífico complemento de formação académica, com fasquia bem acima de formaturas de parada em que, a par de formação, instrução e ensinamentos, também marcaram passo espírito de grupo, camaradagem e amizade.

Durante mais de três décadas nas classes de Marinha, Médicos Navais, Administração Naval, Engenheiros Maquinistas Navais, Construtores Navais, Farmacêuticos Navais, Fuzileiros, Técnicos e Especialistas, a Reserva Naval ombreou com os Oficiais dos Quadros Permanentes nas mais variadas e espinhosas missões, teatros de guerra de além-mar incluídos.

## O CLUBE MILITAR NAVAL E A RESERVA NAVAL

O centenário Clube Militar Naval é, sem dúvida, um dos mais expressivos e prestigiados ex-libris da Marinha, nele convivendo, de forma salutarmente democrática, os oficiais e cadetes da Armada, que hajam abraçado a carreira militar naval como profissão, independentemente de gerações, hierarquias, mentalidades, concepções, credos, experiências e interesses.

Embora o CMN tenha por fim fazer convergir os esforços colectivos dos associados para que a corporação da Armada sirva com abnegação, zelo e denodo o seu país, assim como buscar quanto em si couber para que se torne conhecido o seu préstimo, procurando que a Marinha seja animada e favorecida em suas laboriosas fadigas, o facto é que, para muitos dos seus associados, sobretudo os que estão na Reserva ou na Reforma, o CMN é a expressão emocional de um tempo de intensa paixão marinheira, de convívio inesquecível e de memórias irrepetíveis, que só a Marinha pôde proporcionar.

Os oficiais da Reserva Naval não estiveram ausentes dessa convergência de esforços, tendo prestado um notável contributo para que a Marinha servisse o país, com abnegação, zelo e denodo, sobretudo entre 1960 e 1975.

Da dedicação e da generosidade com que serviram a Marinha, e do companheirismo e da competência com que ombrearam com os seus camaradas que abraçaram a carreira das armas, ficaram marcas e memórias profundas, dispersas por navios, escolas, bases, quartéis, matas e rios, por vezes localizados em longínquas paragens.

Por isso, o CMN é para eles, também, a expressão emocional de um tempo de intensa paixão marinheira, de convívio inesquecível e de memórias irrepetíveis, que só a Marinha pôde proporcionar.

Porém, a centenária tradição tem-se mantido, só podendo ser sócios efectivos do CMN os oficiais e cadetes da Armada que hajam abraçado a carreira militar naval como profissão.

No entanto, além dos sócios efectivos, o Regulamento Interno do CMN contempla ainda duas outras categorias de



sócios: os sócios correspondentes e os sócios honorários. Em ambas as hipóteses, a concessão dessa qualidade é feita na base de serviços prestados à associação ou à Marinha, dependendo a sua aprovação da vontade da Assembleia Geral, isto é, da reunião de sócios em efectividade.

Muitos dos sócios do CMN, que com tanto orgulho conviveram e que, tantas vezes, tiveram o inestimável companheirismo dos oficiais da Reserva Naval para levar a bom termo as suas laboriosas fadigas, não têm mantido o necessário empenhamento no que respeita à possibilidade da sua aceitação como sócios do CMN.

Se muitos de nós abraçamos a Marinha por vocação e como profissão, a esmagadora maioria deles, embora transitoriamente, abraçou-a com devoção e com paixão. Eles comandaram navios e unidades de fuzileiros; partilharam connosco as longínquas paragens do Niassa, a solidão do Lungué-Bungo e as perigosas bolanhas da Guiné; ensinaram nas nossas escolas e estiveram na ponte dos navios; tiveram responsabilidades administrativas e clínicas; dirigiram oficinas e prepararam estudos; combateram nas matas e nos rios.

Com a nossa farda. Com o nosso espírito. Com o nosso entusiasmo.

A Marinha influenciou as suas vidas e a sua cultura, e, muitas vezes, eles fazem questão de associar os seus êxitos profissionais, políticos ou empresariais, àquilo a que, com orgulho, chamam “a marca da Marinha”.

Quaisquer que tenham sido as circunstâncias ou o local em que connosco estiveram, eles souberam usar a nossa farda do botão de âncora, e, hoje como antes, continuam orgulhosos desse tempo e certamente disponíveis para procurar que a Marinha seja animada e favorecida em suas laboriosas fadigas.

Chegou a hora dos sócios abrirem as portas do nosso CMN aos oficiais da Reserva Naval.

A. B. Rodrigues da Costa  
(Sócio nº 634 do CMN)

Hoje, tudo se resume a memórias históricas, espelhadas em documentação diversa, relatos, imagens e testemunhos de vivências, recriadas em convívios de antigos camaradas de armas, afinal parte integrante da História da Marinha de Guerra da segunda metade do século passado.

O debate da eventual frequência das instalações do Clube Militar Naval pelos Oficiais da Reserva Naval, esgota-se num horizonte bem distante de qualquer protagonismo que considere efectividade ou o voto como principais objectivos. Pela oportunidade e actualidade, com a devida vênua, reproduzo integralmente o artigo do Comandante Adelino Rodrigues da Costa, publicado na Revista da Armada n.º 261, de Janeiro de 1994.

### **Notas:**

Cerca de três anos mais tarde, em 3 de Março de 2012, o Presidente da Direcção da Associação de Oficiais da Reserva Naval, na altura o Comandante Joaquim Moreira, afirmaria que **"...no passado dia 2, o espírito de cordialidade e de câmara entre oficiais de carreira da Armada e os antigos oficiais da Reserva Naval foi reforçado com a assinatura de um protocolo entre o Clube Militar Naval (CMN) e a AORN – Associação dos Oficiais da Reserva Naval, efectuado nesse dia.**

O protocolo, assinado entre o CMN e a AORN, na sede da primeira instituição, em Lisboa, em ambiente de salutar convívio, viabiliza formalmente **"a utilização das instalações e serviços do CMN pelos antigos oficiais da Reserva Naval"**, preconizando ainda a efectivação de iniciativas conjuntas, tais como **"palestras, colóquios ou qualquer outro tipo de eventos de carácter cultural, recreativo ou técnico profissional"...**

*(Da assinatura deste protocolo daremos conhecimento em breve)*

### **Fontes:**

*Texto do autor do blogue com inserção de texto do Comandante Adelino Rodrigues Costa publicado na Revista da Armada n.º 261 de Janeiro de 1994;*

**mls**

### **1 comentário:**



#### **Luís Costa Correia disse...**

Mais valeu tarde que nunca, pois estou certo que a grande maioria dos sócios do Clube Militar Naval sempre desejou o estreitamento dos laços de camaradagem, consideração e respeito mútuo com os Oficiais da Reserva Naval.

E felicito de novo o nosso Camarada de Armas de sempre Manuel Lema Santos, que dá um magnífico exemplo de como se ajuda a construir e a reconstruir a História.

É mais do que tempo de lhe ser prestada a homenagem formal que lhe é devida pela Marinha, pois a homenagem informal é-lhe prestada sempre que abrimos estas suas net-páginas - suas, mas também nossas.

Luís Costa Correia

24 de janeiro de 2017 às 19:41